

Uma excursão archeologica a Roios

Palas e buracos—O Cabeço de S. Pedro—Erva sagrada ou feiticeira

Roios é um povoadozinho situado 3 kilometros proximamente ao norte de Villa-Flor a cujo concelho pertence, e é banhado pela pequena ribeira denominada Brava, affluente da margem direita da ribeira da Villariça, affluente do Sabor. Povoação modesta na quantidade e natureza das habitações, avulta nella a morada do meu venerando e respeitavel amigo Constantino Pegado, que a herdou dos seus maiores com as tradições fidalgas e nobreza de character que o distinguem. Entrando nella sentimo-nos ascender a um passado de mais de duzentos annos, pois nos encontramos na característica vivenda do antigo morgado trasmontano, a qual na architectura, solidez, grandeza dos compartimentos e contextura, adornos e disposição dos moveis, mostrava abundancia de riqueza e regalias de antiga linhagem. Tudo ali deixa ver esta.

Convidado por elle fui lá num intervallo de serviço militar, e tive occasião de observar que os estudos archeologicos acham alli algum assunto de verdadeiro interesse. Logo um pouco abaixo da povoação, na vertente da margem direita da ribeira Brava, encontra-se, na encosta, uma disposição de rochedos que formam uma gruta ou pala artificialmente disposta, que nos deixa duvidosos se teria sido ou não um dolmen, pela fórma como se apresenta. Um kilometro, proximamente, a jusante d'ella, na margem esquerda da mesma ribeira, e num enorme fragedo, vêem-se tambem dois grandes buracos, artificialmente feitos,



Fig. 1

que serviram, decerto, para abrigo ou guarida de pessoas. E ainda a jusante d'estes, no mesmo lado, noutro fragedo, proximo de um moinho, está outro buraco nas mesmas condições; apparecendo nalgumas fragas, proximas da ribeira, fundos buracos circulares de um palmo de diametro, artificialmente feitos. Nesta margem, e não distante do leito da ribeira, em varios pontos, mas especialmente no que se chama Parede Nova, encontram-se pedaços de telha de rebordo, de mós manuarías, cantarias trabalhadas e outros pequenos indicios de povoação morta. O Sr. Constantino Pegado disse-me que alli, num olival, se haviam encontrado uma moeda, que lhe pareceu romana, e um carneirinho de

bronze, que vae representado na fig. 1 junta, em tamanho natural. e que generosamente, a meu pedido, offereceu ao Museu de Bragança. Está muito bem trabalhado, apresentando dois ou tres buraquinhos, pouco menores que a grossura de um palito, que julgo serem falhas da fundição. Na parte inferior do pedestal em que assenta distingue-se uma canelura, que com um saliente rebordo que o mesmo pedestal tem de um dos lados, dá a perceber que o carneirinho escorregava em cima de qualquer objecto; e mesmo de um dos lados do focinho ha um rebaixo, como que para prender um fio. O seu peso é de 52^{gr},5.

Naquelle sitio, olhando para a encosta da margem direita da ribeira, entre os enormes fraguados que a cobrem, pareceu-me divisar vestigios de galerias soterradas de minas. Teria havido noutros tempos, neste sitio alguma exploração mineira a que pertençam os fragmentos encontrados de povoação extincta, e as palas e os buracos dos fraguados? Ou seriam estes ultimos vestigio de habitações das raças primitivas?

*

Outros vestigios, de maior monta a meu ver, me prenderam a attenção, distantes d'estes, a jusante, 3 kilometros, proximamente, encontrados em elevações da margem esquerda da mesma ribeira Brava. Esta ribeira, pelo sul, e outra que vem de Valle Frechoso, pelo norte, cercam uma elevada collina, coberta em partes diversas de rochas, denominada Cabeço de S. Pedro. Avulta como um dos pontos mais dominantes das vertentes occidentaes do feracissimo valle da Villariça: relativamente de grandes dimensões, e de encostas, em geral, asperissimas, tornando-o naturalmente ponto defensavel.

Quasi todo elle está coberto de restos de povoado extincto, como fragmentos de telha de rebordo, mós manuaras, ceramica, lousa furada, grande quantidade de alicerces, perfeitamente distinctos na parte mais alta, de pequenas casas circulares e rectangulares construidas de pedra solta. No sopé da encosta, lado norte, num planozinho coberto de oliveiras, mesmo junto ao caminho, e quasi no ponto de cruzamento dos caminhos que de Roios vae para Lodões e de Valle Frechoso para S. Paio, a uma duzia de passos da margem direita da mingoadá linha de agua, da ribeira de Valle Frechosa que só corre no inverno, o acaso me deparou os restos de uma edificação que me convenci haver sido templo romano. Parte dos alicerces estão á vista, e rente ao de uma das paredes passa o caminho para S. Paio. No meio do piso d'este caminho, e a dois passos, estava enterrada uma cantaria de granito grosseiro, que, desenterrada a custo, sei que estava frag-

mentada, podendo distinguir eu, e os dois homens que me acompanhavam, nella gravada e já bastante gasta a escultura figurada no desenho junto (fig. 2), que parece representar as pernas de uma pessoa assentada ou deitada ou presa a um poste. Distinguem-se perfeitamente partes de letras figuradas no desenho.

Em volta dos alicerces abunda a telha de rebordo, fragmentos de ceramica, de tijolos, de argamassa, de lousa, de cantarias trabalhadas.

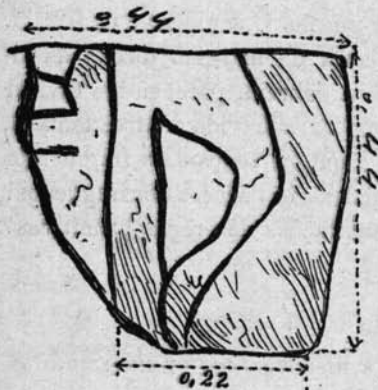


Fig. 2

Encontrei mesmo pedaços de fustes de columnas redondas de granito fino e de lapides funerarias, e outras cantarias trabalhadas que fazem parte dos muros de vedação dos predios proximos. O mais interessante porém foi o apparecimento, a alguns passos dos mesmos alicerces, entre o pão nascido, de alinhamento de lousas que, evidentemente, limitam sepulturas. Numa ainda comecei a cavar; mas, devido á falta de tempo, não pude concluir a investigação, tendo de me retirar, para regressar nesse

mesmo dia a continuar o serviço militar em Mirandella. Bem contrariado o fiz, pois todos os meus desejos eram não me ir embora sem saber o nome da divindade que recebeu alli culto e do povo que lh'ó prestou. Encarreguei de fazer investigações o Sr. Constantino Pegado, que não só ficou de as fazer, mas tambem de me remetter para o museu os objectos por mim encontrados e os que na sua exploração fosse encontrando.

*

No ponto mais elevado d'este Cabeço de S. Pedro, entre rochedos, vê-se erguida uma grande cruz de madeira com resplendor dourado, que alli collocou, dizem, a mão piedosa de um parochio de S. Paio, modesta povoação que lhe fica logo a sul, na margem direita da ribeira Brava. Uma singela grade de ferro impede, por este lado, que a gente se despenhe d'aquelle precipicio, onde ás vezes, em noites escuras, sobem as almas piedosas a accender a lampada que pende de um dos seus braços.

Na verdade, nota-se que ha na alma popular um sentimento occulto que instinctivamente a leva a envolver no mysterioso e a consagrar veneração religiosa aos sitios onde houve vida, e que, geral-

mente se chamam «logares dos Mouros». É muito frequente esta circumstancia; e, em regra, junto das capellas ou ermidas, e cruzeiros isolados que por aqui se encontram, quer nos altos quer noutros quaesquer pontos, descobrem-se restos de povoação extincta. Mas aqui, neste Cabeço, ha mais: não é só a cruz que traduz esse sentimento, é tambem uma herva simples e quasi rasteira, nascida as mais das vezes por entre as fendas da rocha, a que chamam «tó»¹, que em certa epoca do anno as mulheres vem colher, em ranchos, para guardarem, por ter o condão de livrar dos maleficios ou maus olhados as crianças e os animaes, fazendo das folhas relicarios que lhe dependuram do pescoço. E por isso lhe chamam herva sagrada ou *feiticeira*, e tem-na em veneração especial, attribuindo-lhe virtudes mysticas, como se fossem reliquias de algum santo de maior glorificação.

A meu ver, envolvida no mysterioso, esta herva, perpetúa a vida, em verdes folhas e singelas flores, dos que num estadio já tão distante da historia humana habitaram este local.

Bragança, Março de 1910.

ALBINO PEREIRA LOPO.

A villa e concelho de Ferreira do Zezere

(Continuação. Vid. *O Arch. Port.*, xv, 124)

V

Ferreira e o seu termo nos seculos XVI e XVII

Por certo o leitor estará lembrado de termos dito no capitulo II que sob o ponto de vista senhorial, quer dizer das relações com o donatario, Ferreira e Villa de Rei constituíam uma só commenda.

Mas desde velha data, desde o primitivo foral de Ferreira, com mais propriedade chamado carta de povoação, que a herdade de Pedro Ferreira é denominada *villa*.

A tal respeito devemos ter presente a opinião de Alexandre Herculano, o grande Mestre, no tomo III da sua *Historia de Portugal*, p. 298. A palavra *villa* foi successivamente correspondendo a ideias diferentes; a principio significava qualquer granja ou herdade, foi passando

¹ Ha no meu concelho de Magadouro uma freguesia chamada *Tó* (que se escreve vulgarmente *Thó*). Proviria o seu nome d'esta herva?